

CORPOS ARDENTES

Os corpos ardentes, suando. A mente inquieta, os desejos não disfarçados prestes a explodir. O coração batendo desenfreadamente, o sangue pulsando forte nas veias e parecendo que iria explodir no rosto, no corpo, no peito.

Cada um deles pertencia a um canto, um setor diferente, com tarefas, funções, colocações e culturas distintas. Se completavam nas necessidades e anseios, um com o outro, outro com o um enfim, uma dupla que seria perfeita.

Uma era intelectual, para trabalhar usava guarda pó branco, capacete branco, indicando a função de engenheira, bonita, cabelos longos, corpo esguio, olhar enigmático, óculos no rosto mais para dar contorno a face e estimular os pensamentos.

O outro era bruto, corpo forte, musculoso, bíceps grandes, pernas fortes e volumosas, trabalhava de camiseta regata e o suor aparecia pelo corpo, não tinha grandes estudos, mas o suficiente para conversar com as mais variadas pessoas.

O esforço dele era intenso, agarrava com vontade, erguia na altura da cintura, algumas vezes precisava se encostar nas paredes, arfava, suave, mas conseguia fazer três vezes sem parar. Depois de brevíssimo descanso, um banho gelado rápido, prosseguia com afinco, mostrando toda sua força, seu vigor, sua vontade.

Ela não se cansava tanto, esperava chegar até sua sala. Quando chegava, levantava e corria para pegar com as mãos, apertava, alisava, analisava profundamente. Algumas vezes até a necessidade de sentir o gosto imperava e ela não tinha dúvidas em fazê-lo. Quase não cansava, estava sempre disposta e todos os dias queria fazer a mesma coisa, sem pensar em parar. A prática faz a perfeição dizia ela.

Um dia ele resolveu inovar. Aproveitando a novidade que tinha por ali, uma vagonete que corria em cima de trilhos, colocou tudo dentro, duas, três, quatro vezes sem parar. Estava maravilhado, nunca tinha sido tão fácil e com tanta leveza no carregar, um prazer enorme em fazer aquilo várias vezes no mesmo dia. Sensacional pensava ele enquanto já planejava o outro dia, repetir seria muito bom.

Os dois se encontravam pelos corredores, algumas vezes pelas salas em penumbra. Não precisavam trocar palavras, meros olhares, um cumprimento resmungado e partiam para fazer o que tinham em mente, sem se preocupar muito com o que o outro sentia, se estava bem, se estava alegre, se tinha família a esperar. Interessavam-se pelo que tinha que fazer e fazer bem feito, sem constrangimentos, excitações ou medos.

Quando voltavam para casa chegavam satisfeitos. Dever cumprido mais uma vez, mais um dia de alegrias, de superação. Cansados, claro que sim, mas faceiros e tranquilos, prontos para um bom banho, um descanso e um sono restaurador e, porque não dizer, angelical mesmo.

Ela, engenheira de minas, chefe de escavação e com importante missão de manter o equilíbrio entre a extração de carvão e a conservação ambiental, que fazia com grande precisão, a toda hora extraindo terra, analisando, verificando aroma, gosto e mandando fazer as correções necessárias.

Ele, chefe de turma da extração do carvão. Havia crescido dentro das minas, sabia tudo o que se passava. Carregava carrinhos para ensinar aos novatos, na novidade dos vagonetes instalados foi um dos que mais vibrou, os operários deixariam de sofrer à toa. Seguidamente era chamado na administração para falar com o gerente da extração e nunca se cansava de repetir duas, três, quatro vezes os mesmos ensinamentos, mesmo no maior cansaço e enfrentando o calor abafante da mina, que até a respiração atrapalhava de vez em quando.

Assim, eram dois trabalhadores que não mediam esforços para cumprir suas tarefas e, mesmo sem se conhecerem direito, só se encontravam eventualmente nos corredores, faziam suas vidas da mesma forma. João e Maria, dois trabalhadores – quem diria!

